14:39 Vo)) LTE 5G 34%

Eleitorado latino cresce e beneficia republicanos

Economia e valores conservadores são razões apontadas por especialistas para avanço de Trump sobre estrato que votou em peso em Biden em 2020; primárias hoje na Flórida e no Arizona podem ser termômetro na disputa pela Casa Branca

ELEIÇÕES EUA

EMANUELLE BORDALLO
emanuelle.quaglio@oglobo.com.br
TAMPA, ESTADOS UNIDOS

ELIANA TANCHO-LIRCSU/AUSTIN-S-2021

Peso nas urnas. Mulher passa diante de uma seção eleitoral em Austin, no Texas: com 15% do eleitorado este ano, voto latino tem cada vez mais importância

Segundo eleitorado que mais cresce nos Estados Unidos, os latinos são um grupo-chave na disputa pela Casa Branca entre o presidente, Joe Biden, 81 anos, e o ex-presidente Donald Trump, 77. E se no primeiro duelo entre os dois, em 2020, a preferência de 70% dos latinos foi fundamental para a vitória do democrata, o embate que se desenha para a eleição deste ano está longe de qualquer certeza. Nesta terça-feira, as primárias na Flórida (republicana) e no Arizona (dos dois partidos) — dois estados com grande população de origem hispânica e com histórico de resultados imprevisíveis — podem servir como uma espécie de termômetro para as campanhas (re) calcularem suas rotas até novembro, num pleito em que imigração e economia estão no centro do debate.

Neste ano, o número de eleitores registrados da comunidade latina atingiu o recorde de 36,2 milhões, uma fatia de quase 15% do eleitorado — um crescimento de 153% em comparação a 2000, quando o estrato representava apenas 7,4% do total, ou cerca de 14,3 milhões de pessoas.

MUDANÇA DE LADO

E se em outros anos este cenário seria uma ótima notícia para o Partido Democrata, agora é mais um motivo de preocupação para Biden, que na maioria das pesquisas aparece atrás de Trump a oito meses da eleição. Em dezembro, uma consulta da CNBC apontou uma vantagem inédita de 5 pontos percentuais para Trump entre os latinos — três meses antes, consulta idêntica da rede de TV tinha Biden à frente, com vantagem de 7 pontos percentuais no grupo.

Neste mês, com o cenário Trump x Biden praticamente definido nas primárias, pesquisa New York Times/Siena College, com 980 pessoas, mostrou que 46% dos latinos preferiam Trump, contra 40% para Biden.

Outro estudo, da Universidade Internacional da Flórida (FIU), conduzido com eleitores latinos, indicou que 20% já consideraram mudar a afiliação partidária — a maioria deles para os republicanos. Para Joshua Scacco, diretor do Centro de Democracia Sustentável da Universidade do Sul da Flórida (USF), diferentes fatores explicam o fenômeno: de falhas na comunicação dos democratas à conexão de Trump com parcela mais conservadora do eleitorado.

— Muitas vezes, os democratas tratam o voto latino como se fosse uma coisa só, e não é. Adaptar a mensagem às diferentes preocupações das diásporas hispânicas é fundamental. — analisa Scacco, destacando que republicanos têm visado diferentes comunidades latinas com discursos pautados pelo "medo do comunismo" e dos males da imigração ilegal. — Isso está funcionando particularmente com homens jovens latinos, que também respondem bem ao apelo do Trump à masculinidade.

É o caso de Carlos (nome fictício), um garçom porto-riquenho de 27 anos que trabalha em Tampa, sul da Flórida. Apesar de ter votado em Biden em 2020, a percepção de que a economia piorou e a idade avançada do presidente o afastaram do voto democrata este ano. Ele conta que o atual presidente "não fez nada pela gente e está muito velho, então desta vez eu vou votar no Trump". Mesmo com bons indicadores econômicos, a inflação alta registrada após a pandemia ainda impacta a popularidade do presidente sobretudo no eleitorado latino. A pesquisa da FIU mostra que o custo de vida é o maior problema para estes eleitores, seguido da pobreza e da imigração.

A retórica anti-imigração é, inclusive, uma das grandes apostas de Trump. Em meio ao recorde da entrada de pessoas não documentadas nas fronteiras no fim do ano passado, ele tem aumentado o volume da receita de 2016 e 2020, que inclui declarações xenófobas, afirmando que os imigrantes estão "sujando o sangue" do país. Ontem, o ex-presidente afirmou, em discurso improvisado em Ohio, que não se deve chamar imigrantes de "gente" em alguns casos, referindo-se a eles como "animais".

IMIGRANTES SÃO OS OUTROS

Embora parte do eleitorado latino seja imigrante ou a primeira geração nascida nos EUA, o discurso do republicano tem conquistado apoio de fatia importante desse estrato, mostram as pesquisas.

— Seria de se esperar que os latinos defendessem [quem cruza a fronteira]. Contudo, muitas vezes, ao se tornarem cidadãos americanos, passam a ver quem atravessa a fronteira (ilegalmente) como pessoas que não contribuirão para o país — diz Evelyn Pérez-Verdía, estrategista política e fundadora da We Are Más, organização de combate à desinformação na comunidade latina.

Há 25 anos nos EUA, a professora panamenha Ariadne Miranda destaca que há muitas informações falsas circulando na comunidade latina. E que elas reforçam a desumanização dos imigrantes que cruzam a fronteira e associam os democratas "ao comunismo".

— Muitos creem que só latinos "ruins" vêm para o país [pela fronteira], e isso simplesmente não é verdade — afirma Miranda. — Conversei com muitos latinos que acreditam que Trump é a resposta, já que os democratas seriam "próximos do socialismo". E se você vem de Cuba ou Venezuela, por exemplo, esse é um medo.

Segundo Pérez-Verdía, o uso equivocado de determinados símbolos em peças de campanha tem contribuído para a associação dos democratas com o socialismo, por parte do eleitorado latino.

— Os democratas mostram o punho cerrado no ar ou a palavra "progressista", o que, para parte destes imigrantes, tem ligação com governos de extrema esquerda — analisa Pérez-Verdía.

PAPEL DAS FAKE NEWS

Numa eleição sem voto obrigatório, a capacidade de levar eleitores às urnas e o combate a notícias falsas sobre a legitimidade do pleito podem definir os rumos do país. E, no caso dos latinos, é central a popularidade de redes sociais como WhatsApp e Telegram, que não têm a mesma adesão como no Brasil, mas são amplamente usadas pelo grupo para se comunicar com parentes distantes, como mostra relatório da Universidade Brown em parceria com a Universidade do Texas e a We Are Más.

O documento destaca uma pesquisa com eleitores de origem cubana na Flórida, em 2021, que apontou 40% deles descrentes dos resultados da última eleição, em que Biden derrotou Trump. Uma análise da ONG Media Matters revelou que 40% dos vídeos em espanhol no YouTube sobre o pleito de 2020 tinham informações falsas, incluindo indicações de que cédulas fraudulentas vindas do México e da China seriam usadas nos EUA.

Neste ano, a estratégia de desinformação contra a comunidade latina vai, dizem especialistas, além: nega-se até a existência do próprio pleito. Em dezembro de 2023, uma campanha de supressão do voto, tendo como alvo comunidades de língua espanhola no sul da Flórida, começou a circular com rumores alegando que "a eleição de 2024 não acontecerá" ou que "será fraudulenta", aponta o estudo da Brown.

— Muitas vezes, os "maus atores" não estão apenas tentando suprimir a democracia, mas também (especificamente) os votos dos latinos — conclui Pérez-Verdía. — É mais uma forma de criar apatia.

Putin exalta expansionismo russo um dia após reeleição

Em ato na Praça Vermelha, presidente defendeu anexações durante a guerra

MOSCOU

NATALIA KOLESNIKOVA / AFP

Discurso a apoiadores. Multidão reuniu-se para ouvir pronunciamento em ato de 10 anos da anexação da Crimeia.

Um dia após ser reeleito para o quinto mandato presidencial, Vladimir Putin exaltou o expansionismo russo em direção à Ucrânia ontem, ao discursar na Praça Vermelha, no centro histórico de Moscou, em um evento em alusão aos dez anos da anexação da Península da Crimeia. Diante de uma multidão, o presidente classificou a ocupação dos territórios como um "grande evento" na história e defendeu a ação russa como legítima, voltada às populações étnicas russas.

— Quanto à Nova Rússia [como o Kremlin se refere a Zaporíjia e Kherson] e ao Donbas, as pessoas que vivem lá também disseram, nos dias da 'Primavera Russa' [protestos pró-Rússia em 2014], que queriam regressar para a sua família, mas o seu caminho de volta para casa acabou sendo muito mais difícil e trágico. Ainda assim conseguimos — disse Putin, acrescentando que agora todos estão "crescendo e avançando juntos, de braços dados".

Embora tenha se referido a temas de política interna das regiões anexadas e do contexto geopolítico envolvendo-as, o discurso de Putin focou sobretudo na origem russa das populações dos territórios tomados da Ucrânia. A fala do presidente segue a argumentação de que as ações russas têm legitimidade em função de atenderem ao chamado das populações russas nestes locais — em determinado momento, o Kremlin chegou a acusar o governo de Kiev de promover um genocídio de russos étnicos no Leste do país.

— A Crimeia não é meramente um território estrategicamente importante, não é apenas [parte de] nossa história, nossas tradições e do orgulho da Rússia. Mais importante, a Crimeia são pessoas: pessoas de Sevastopol e pessoas da Crimeia. Elas são o nosso orgulho — afirmou o presidente, acrescentando que essas populações "mantiveram a fé na Pátria-mãe por décadas". — Eles nunca se separaram da Rússia, e isso é exatamente o que tornou possível para a Crimeia retornar para a nossa família em comum.

É costumeiro que Putin discurse no evento anual em celebração à anexação da Crimeia, tomada da Ucrânia em 2014. Neste ano, ele subiu ao palco acompanhado pelos três adversários que disputaram as eleições presidenciais — nenhum deles entre os principais opositores do presidente, que foram excluídos do pleito, exilados, presos ou mortos antes da disputa. Ontem, os candidatos adversários já haviam parabenizado Putin pela reeleição e reconhecido sua vitória, com mais de 87% dos votos.

Meios de comunicação independentes da Rússia, citados pelo britânico The Guardian, relataram que funcionários públicos e estudantes foram coagidos a comparecer ao ato nacionalista, que contou com apresentações musicais de por cantores pró-Putin. A participação do presidente foi encerrada com a execução do hino russo.

Apoiadores do presidente ouvidos pela agência francesa AFP exaltaram Putin e seu novo mandato. Também afirmaram ver a vantagem obtida nas urnas — em um processo classificado como "incrivelmente antidemocrático" pelos EUA — com naturalidade.

— Qualquer cidadão que respeite o nosso país votou em Putin — disse Elena, uma economista de 64 anos.

O discurso do presidente reeleito aponta para uma ocupação permanente dos territórios ucranianos. Em um trecho, ele se referiu ao investimento em uma ferrovia de acesso à Crimeia.

— Isso nos torna realmente mais fortes, não em palavras, mas em ações — disse Putin. *(Com AFP)*